

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

Isabel Machado.
Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português.
Lisboa: Manuscrito, 2022.

Iolanda Freitas Ramos
(NOVA FCSH/CETAPS)

À Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa
Member of the Most Excellent Order of the British Empire
In memoriam

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e uma profissional experiente em comunicação social, Isabel Machado assinalou o 10º aniversário da publicação da sua primeira obra de ficção, *Isabel I de Inglaterra e o Seu Médico Português* (2012), com o relançamento da mesma, numa nova editora, com um novo título e uma nova capa. Embora um público-alvo geral, interessado não só na carismática monarca inglesa e na sua emblemática época, mas também na ligação a figuras e temáticas portuguesas, possa ter a expectativa de encontrar um protagonista diferente, um público mais especializado reconhece de imediato que o médico e o espião português de Isabel I são uma só pessoa, Rodrigo Lopes, lamentavelmente pouco estudado, tanto na Grã-Bretanha como em Portugal. Tal facto, por si só, justifica recuperar, em 2022, a sua intervenção nos meandros da

ciência e da política, visto que, tanto quanto foi possível apurar, as obras mais significativas continuam a ser as de Elliott Baker, *Doctor Lopez* (2001) e de Dominic Green, *The Double Life of Doctor Lopez: Spies, Shakespeare and the Plot to Poison Elizabeth I* (2004), às quais se pode acrescentar a entrada da autoria de Edgar Samuel no *Oxford Dictionary of National Biography* (2004). Importa igualmente ressaltar que o ano de 2022 assistiu tanto à celebração do Jubileu de Platina da segunda memorável monarca de nome Isabel, como ao seu falecimento, em 8 de Setembro.

Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português apresenta 58 capítulos agrupados em seis partes, destacando-se desde logo por via da primeira, “Isabel I e a crise portuguesa (1578)” e da quarta, “Queda de Portugal (1578-1581)”, o impacte do contexto português no âmbito da Inglaterra isabelina, bem como os cruzamentos históricos entre ambos os países. Quando confrontado com o texto inicial, o presente volume de 517 páginas acrescenta, no início, uma árvore genealógica simplificada da dinastia Tudor (10-11) e revela pequenas alterações na escrita e na edição do texto, não tendo a autora acrescentado informações sobre o objecto do seu estudo. Conforme a própria teve oportunidade de esclarecer em diversas acções de divulgação desta edição, tanto em livrarias como na residência do embaixador britânico, não encontrou novos dados sobre Rodrigo Lopes. Além disso, a sua investigação prévia foi devidamente sustentada numa pesquisa aturada em arquivos ingleses e portugueses, como os de Hatfield House e, na Torre do Tombo, os de D. António, prior do Crato, entre outros. Importa salientar que a obra integra uma bibliografia, tanto em língua portuguesa como inglesa, recorrendo a autores como Oliveira Marques, Veríssimo Serrão, A.L. Rowse, David Loades, Antonia Fraser, Alan Haynes, Jorge Martins e Esther Mucznik, indicando igualmente outras fontes, quer impressas, quer digitais. (515-517)

A acção, enunciada por um narrador heterodiegético e omnisciente, segue uma ordem temporal maioritariamente sequencial entre 1547 e 1603, focando-se na monarca que deu nome a toda uma época e no médico português que a assistia desde Dezembro de 1578. (283-286) Sendo filha de Henrique VIII e da controversa Ana Bolena,

Isabel I esteve envolvida, desde muito jovem, numa complexa rede de intrigas, o que a fez desenvolver uma admirável capacidade de sobrevivência e a tornou uma política hábil tanto a nível interno como externo, como se verificou no caso das diversas negociações que estabeleceu com França. O eventual casamento com o duque de Anjou (297-301) foi por ela utilizado com grande inteligência e astúcia como instrumento de manipulação política, revelando um claro exercício de poder no feminino, tanto no seu papel de rainha, como no de mulher.

Com efeito, durante o seu reinado de 45 anos, no qual conseguiu consolidar a Igreja Anglicana e estabelecer o início do Império Britânico, (495, 500) aquela que seria a última monarca Tudor teve de superar inúmeras crises, quer a nível privado, quer público. A corte foi palco de diversificadas conspirações, rebeliões e traições, evocadas pela autora, entre as quais se salientam as do Duque de Norfolk (249-254) e as de Maria Stuart. (375-379, 382-385) O enredo dá conta de facetas mais emotivas do carácter da rainha face aos que lhe eram mais próximos, sem menosprezar cenas íntimas, sobretudo em torno da sua passional relação com Robert Dudley, conde de Leicester, que viria a falecer em 4 de Setembro de 1588. (117-118, 263-264, 407) Ela própria, quando conhece o médico português e evoca o astrólogo John Dee, com quem tinha aprendido a olhar o mundo como um todo, se identifica com o elemento fogo e se define como “impulsiva, irritadiça, nervosa”. (290) Tendo como pano de fundo a Idade de Ouro quinhentista, a narrativa inclui descrições físicas de Isabel I ao longo do tempo (53-54, 170, 267, 496) e referências culturais, tais como a representação do poema de Edmund Spenser, *The Shepherd's Calendar*, em Dezembro de 1578, (283) e a acção do grupo de teatro “Os Homens da Rainha”, que na década de 80 não só difundiam propaganda anti-católica nas suas representações itinerantes, mas também contavam com informadores leais à monarquia entre o elenco de actores. (335)

Neste romance histórico, que privilegia uma perspectiva intercultural, ganham lugar de destaque os acontecimentos que antecederam e se sucederam ao desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer Quibir

e ao exílio em Inglaterra de D. António. Ambos mereceram o apreço de Isabel Tudor, como fica patente no banquete em honra do embaixador português Francisco Giraldes, em 9 de Julho de 1575, no qual manifesta a sua admiração pelo rei e pelo seu empenho em alargar o império português. (260-262) Por sua vez, sendo neto de D. Manuel I e “o último varão português da Casa de Avis”, (293) o prior do Crato era o pretendente à coroa portuguesa apoiado pela rainha e, sob a sua protecção, foi acolhido com grande entusiasmo em Eton College. As circunstâncias históricas faziam com que Portugal e a Inglaterra partilhassem a luta contra um inimigo comum, Filipe II de Espanha, que ameaçava a independência de ambos os países. O texto integra, aliás, a seguinte quadra popular portuguesa, expressiva do espírito da época: “Que o cardeal dom Henrique/ Fique no Inferno muitos anos/ Por ter deixado em testamento/ Portugal aos castelhanos”. (304)

Neste enquadramento, Rodrigo Lopes desempenhou um papel fulcral ao partilhar com a monarca inglesa, com o conselheiro William Cecil e com o chefe dos serviços de espionagem, Francis Walsingham, informações secretas sobre o que se passava na Península Ibérica, (15-18) conforme indicado na prolepse constituída por todo o primeiro capítulo, centrado no ano de 1578. (13-47) O seu potencial fica patente nas palavras de Dudley: “O doutor Lopes tem contactos essenciais para a rede de espionagem de Walsingham na Europa, tem primos e conhecidos em todos os portos”. (29)

Apesar de muitas das informações do período áureo isabelino poderem ser do conhecimento de um público mais académico, a narrativa é fluente e apelativa, conjugando a história social e política com o amor, o mistério e a aventura. Os leitores acompanham diversos acontecimentos, como a peste bubónica em Agosto de 1563, (223-225) bem como os percursos de diversas figuras históricas, incluindo Maria Tudor, Francis Drake e Walter Raleigh, com óbvio destaque para Isabel I, desde a ascensão ao trono até ao momento da morte. (162, 511) Por seu turno, não obstante a expectável liberdade criativa, muitos pormenores da vida pessoal e profissional de Rodrigo Lopes são dados a conhecer, possivelmente pela primeira vez, ao grande público.

Este judeu alentejano, nascido no Crato em 1525, foi estudante em Coimbra e em Salamanca. Filho do médico de D. João III, o cristão-novo António Lopes, pertencia “à nova geração de médicos, formados nas universidades da Europa”. (101) O amigo e colega Heitor Nunes convidou-o a juntar-se a ele em Inglaterra e, com cerca de 40 anos, chegou à capital inglesa acompanhado do primo, Jerónimo Lopes, assistindo ao cortejo para a coroação, em 15 de Janeiro de 1559. (179-182) A narrativa ficciona momentos do quotidiano e da intimidade das personagens, proporcionando o contacto dos leitores contemporâneos com informação bastante esclarecedora sobre a comunidade quinhentista de mercadores de origem judaica em Londres, incluindo os seus hábitos e costumes – como o próprio casamento, em 1563, pela Igreja Anglicana, de Rodrigo Lopes com Sarah, a filha do poderoso mercador de origem portuguesa Dunstan Anes, (221-223) – gastronomia, religião e rituais funerários. (288, 198 e 452, respectivamente) Nunes e Anes lideravam a comunidade de cristãos-novos de Londres, (21) e com Nunes e o primo Jerónimo, Rodrigo Lopes entra em 1576 no negócio da pimenta, “muito apreciada em Inglaterra”. (269) Na verdade, as comunidades de ascendência judaica, frequentemente graças a laços familiares, tinham fortes ligações a Antuérpia e a outros portos europeus, sobretudo devido ao comércio de especiarias. (104) A nível oficial, não havia judeus em Londres, nem sinagogas ou rabinos. (20, 198) A este respeito, é de notar a percepção expressa na narrativa: “Pragmáticos, os ingleses preferiam ignorar a forte suspeita de estarem perante filhos de Israel a perderem os lucros de que podiam usufruir através dos vários talentos daquela comunidade influente”. (20) Além disso, segundo a personagem Rodrigo Lopes, o que mais o impressionava nos ingleses era “a rapidez de resposta” (222) em encontrar uma solução quando se detectava um problema, uma atitude oposta à “tendência portuguesa para protelar”. (223)

Em suma, após fugir da Inquisição que perseguia os cristãos-novos em Portugal, e até cair em desgraça e ser executado em Londres como traidor, em 7 de Julho de 1594, (483-484) o Dr. Lopes notabilizou-se como médico no prestigiado hospital de São Bartolomeu,

uma instituição que permanece em pleno funcionamento nos dias de hoje. Numa época em que a ciência servia o propósito de Deus, (285) e apesar dos preconceitos e da discriminação que sentiu nos primeiros anos, a sua competência profissional fez-lhe ganhar a confiança de pacientes ilustres, começando por Dudley. Por intermédio deste, conquistara os poderosos Cecil e Walsingham, sendo por eles recomendado à monarca. Após quase duas décadas no exercício da profissão, foi convidado para exercer o cargo de médico pessoal da rainha, (286) com acesso privado a esta, tornando-se seu confidente e um súbdito leal até Robert Devereux, conde de Essex e novo favorito de Isabel, o acusar de estar envolvido numa conspiração a soldo de Espanha para eliminar a rainha por meio de veneno. Alguns antigos apoiantes portugueses da causa do prior do Crato, como Estêvão Ferreira da Gama e Manuel Luís Tinoco tinham começado a contemplar a aproximação aos espanhóis. Consequentemente, foram presos e acusados de serem agentes duplos. Os interrogatórios, levados a cabo no tribunal de Guildhall, que tinha sido o palco de muitos julgamentos na cidade de Londres, como os de *Lady Jane Grey* e *Thomas Cranmer*, resultaram na confissão de ligações a Rodrigo Lopes, (472, 478) bem como na consequente acusação e condenação deste “judeu maldito” (479) por espionagem a serviço de Espanha, apesar das dúvidas da própria rainha sobre a sua culpabilidade. (484, 491) Os três portugueses foram executados por traição.

A antiga aliança que unia Portugal e a Inglaterra não só está subjacente a todo o enredo, como é explicitada no volume, (345) sobretudo a fim de realçar o contributo daquele que conciliava as actividades de físico, mercador e mediador diplomático. (277) A colaboração do Dr. Lopes revelou-se vital, nomeadamente por ocasião do recrutamento para a chamada Armada Invencível, que integrava navios e marinheiros portugueses, contribuindo para a sua derrota. (386-388, 393-402) Contudo, a possibilidade de ser enviada para os Açores, com o objectivo de resistir aos espanhóis, uma armada inglesa que ajudasse as forças portuguesas, já reforçadas por apoio militar dos franceses, não se veio a concretizar e saldou-se na rendição da ilha Terceira. (347-348) O auxílio acabou por ser prestado, seguindo o

plano de invadir Portugal e colocar no trono o prior do Crato, tendo como contrapartida condições favoráveis no comércio com o império português. (415) De acordo com o relatado na narrativa de Isabel Machado, em Abril de 1589, Rodrigo Lopes integrou a expedição que partiu de Plymouth rumo ao norte de Espanha e depois Lisboa, com o propósito de impedir um novo ataque contra a Inglaterra. (419-423) A fortaleza de Peniche foi tomada, mas não a cidade de Lisboa. Assim, “(a) maior expedição militar da história de Inglaterra saldara-se por um total fracasso”. (433) Como é do conhecimento comum, o trono de Isabel I manteve-se, ao contrário da soberania portuguesa. Na verdade, o enredo serve-se de uma missiva fictícia do prior do Crato, dirigida ao conde de Leicester e datada de Junho de 1580, para evocar as últimas palavras de Luís de Camões: “Morro com a minha pátria”. (321)

A trama tece elementos de realidade e de ficção, visto que se trata de “um romance e não um livro de História”, tal como é referido na Nota da Autora. (513-514) Nesta, Isabel Machado reitera a possibilidade de Lopes ter inspirado a personagem Shylock na obra *The Merchant of Venice* (1598), de William Shakespeare, e integra como última informação a homenagem pública que Carlos, então Príncipe de Gales, prestou à comunidade judaica no Guildhall, em 2011, evocando a injustiça do caso do médico português, o único médico que foi executado em Inglaterra. Por conseguinte, pode acrescentar-se, na presente análise, que este romance histórico contribui para a actual reflexão tanto sobre as minorias étnicas e religiosas, como sobre as dinâmicas de exclusão e inclusão social.

Atente-se que, em termos paratextuais de caracterização visual, o volume de 2012 não continha ilustrações, sendo que existem onze figuras no actual texto. A primeira corresponde ao conhecido *The Ermine Portrait* (1585) de Isabel I, da autoria de Nicholas Hilliard, e as restantes são dedicadas a Dudley, Maria Tudor, Cecil, Walsingham, Maria Stuart, Filipe II, o prior do Crato, Walter Raleigh e o conde de Essex. Merece destaque a figura 2, uma gravura da época, recriando o Dr. Lopez, como era conhecido em território inglês, a conspirar com um espanhol para envenenar a rainha. Por não existirem retratos de

Lopes, a autora apresenta apenas parcas descrições físicas no texto: “(h)omem moreno, de estatura relativamente baixa”, “barba escura e farta, pontiaguda [...], olhos [...] de um castanho-claro”. (16, 19) Além disso, o volume inicial reproduzia na capa o supra-referido quadro de Hilliard, ao qual foi acrescentado, em segundo plano, uma representação em ponto pequeno de um eventual rosto de Lopes, ao passo que a imagem escolhida em 2022, apresenta uma jovem do nosso tempo, que personifica uma dama isabelina nas vestes e na postura. Decerto serve o propósito de atrair o olhar de novos e porventura jovens leitores, sem deixar de suscitar a curiosidade de um público-leitor mais convencional.

Autora de diversos romances históricos, entre os quais *Infante D. Pedro* (2021) e *A Rainha Santa* (2016), Isabel Machado escolheu anteriormente *Vitória de Inglaterra, A Rainha Que Amou e Ameaçou Portugal*, que conheceu uma segunda edição apenas três meses depois de ter sido dado à estampa, em 2014, para levar a bom termo outra abordagem intercultural. Espera-se que o seu interesse pelos Estudos Anglo-Portugueses, patente no volume aqui destacado e com o qual retomou as figuras com que iniciou o percurso como escritora, a inspire na prossecução de novas pesquisas que ofereçam aos leitores a possibilidade de revisitar, em termos literários e culturais, a mais antiga aliança do mundo.